

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

GUSTAVO PEREIRA PAGOTO

MANCHAS: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA

UBERLÂNDIA

2018

GUSTAVO PEREIRA PAGOTO

MANCHAS: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Arte Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão

UBERLÂNDIA

2018

GUSTAVO PEREIRA PAGOTO

MANCHAS: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA

Memorial dissertativo e trabalho prático
apresentados ao curso de graduação em Artes
Visuais da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito obrigatório para obtenção do grau
de bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão

UFU

Prof. Dr. Douglas de Paula

UFU

Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli

UFU

UBERLÂNDIA

2018

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu pai Ranulfo Pagoto, a minha namorada e futura esposa Melissa Lemos, e ao meu mestre Luiz Cesar Raniero Spini (em memória).

Foram eles que me ensinaram a perseguir meus sonhos e conquistá-los. Cada um mostrou o amor que sentem por mim e me deu a força de que precisava para chegar até aqui. Se hoje me formo como artista, é para enchê-los de orgulho.

AGRADECIMENTOS

Chegar a este ponto da minha vida acadêmica não foi fácil. Tive muitas quedas e só tenho a agradecer por ter tido pessoas na minha vida que me ajudaram a levantar e a seguir. Muitos tiveram uma importância enorme nessa caminhada.

A quem mais devo agradecer é meu pai, Ranulfo Pagoto, a pessoa que me apresentou o mundo das artes e me mostrou o caminho para o que mais amo fazer, desenhar. Minha mãe, Maria Benedita Pereira Pagoto, não fica em segundo plano. Foi ela quem, do seu jeito, esteve presente e me apoiou em todas as ocasiões. Nunca duvidou de mim e sempre me motivou a seguir em frente. Obrigado, mãe.

Também devo agradecer ao meu mestre, o professor César Spini, quem me ensinou a ter paciência, dedicação e me apresentou tudo que sabia, me fazendo adquirir conhecimento, técnica e amor por ensinar. Aos meus alunos que me fazem um professor melhor a cada dia.

Agradeço a minha noiva, Melissa, quem esteve ao meu lado nesses últimos anos, e também foi responsável por eu lutar todos os dias para conquistar o meu diploma. Por ter me apoiado, me ajudado, me incentivado e tido paciência comigo durante todo o processo de desenvolvimento do TCC.

Em especial, agradeço ao professor e orientador Ronaldo Macedo Brandão por me orientar nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), principalmente pela sua paciência e dedicação. A ele deixo minha admiração e amizade por todo o aprendizado adquirido nesse período de realização do trabalho.

Obrigado.

Desenhar é a integridade da arte. Não há possibilidade de trapacear. Ou é bom ou é ruim.

Salvador Dali

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um memorial descritivo desenvolvido dentro da linha de processo e poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado, sendo centrado no processo de criação, contemplando as linguagens artísticas. O desenho compõe o trabalho que se desenvolve como essência e não sendo somente um elemento do processo de construção para um trabalho artístico. O trabalho apresentado procurou criar uma poética visual de desenho contemporâneo.

Palavras-chave: Desenho Contemporâneo, manchas, desenho, poética.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - A obra: Ivanize e Inaldo, 2016.....	11
Figura 2 - A obra: Darth Vader, 2016.....	12
Figura 3 - A obra Sonia Debla, 2015.....	15
Figura 4 - Autorretrato perfil, 2015.....	16
Figura 5 - Homem com Rosa – Jan van Eyck, 1510.....	17
Figura 6 - Fernanda de castro – Anita Malfatti, 1922.....	18
Figura 7 - Menina na janela – Rembrandt, 1645.....	19
Figura 8 - Season Change - Dirk Dzimirsky, 2011.....	20
Figura 9 - Autorretrato frontal, 2015.....	21
Figura 10 - Malaclypstique (Ancenis 44), 2016.....	23
Figura 11 - Projeto de fragmentação do autorretrato, 2018.....	24
Figura 12 - Autorretrato 1, 2018.....	25
Figura 13 - Convite da Exposição, 2018.....	26
Figura 14 - Autorretrato 2, 2018.....	27
Figura 15 - Autorretrato 3, 2018.....	28
Figura 16 - Linhas e Manchas, Laboratório galeria. Gustavo Pagoto.....	29
Figura 17 - Autorretrato 4, 2018.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA.....	10
2.1 O início.....	10
2.2 O desenho como atividade de trabalho.....	10
2.3 O trabalho como professor de desenho.....	12
2.4 No curso de Artes Visuais da UFU.....	14
3. PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	22
3.1 A ideia da produção.....	22
3.2 Meu processo artístico no desenho.....	23
3.3 Apresentação da Produção Artística.....	26
4. CONCLUSÃO	31
5. BIBLIOGRAFIA	32

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de relatar e analisar a produção de retratos produzidos durante meu processo de formação no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, em especial, os trabalhos de minha exposição “Linhas e Manchas”. Meu objetivo é a prática do desenho como linguagem composta por manchas.

Tem-se aqui um Trabalho de Conclusão de Curso para obter o título de Bacharelado de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia no primeiro semestre de 2018.

O desenvolvimento do projeto culminou na construção de quatro autorretratos realizados a partir da relação entre manchas sobre o suporte tradicional do desenho, o papel.

Podemos dizer que o desenho se baseia substancialmente nas manchas que o compõe. Especialmente no caso dos desenhos feitos exclusivamente com grafite pois o sombreamento feito com os diversos grafites, é o elemento essencial no desenho.

Os materiais de desenho utilizados foram o papel paraná tradicional, que possui uma tonalidade amarelada, e ainda o papel paraná revestido com uma camada branca juntamente com os lápis grafite da *Faber Castell*.

Na primeira parte do texto, atendo-me a contar minha trajetória no mundo da arte, desde a influência que tive na infância até minha atuação na área das Artes Visuais, produzindo e ensinando arte.

Na segunda parte, relato o processo de criação e desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Reflexões sobre as questões abordadas e a prática são apresentadas ao longo do texto. Mostrando como realizei os desenhos apresentando os trabalhos criados para Exposição “Linhas e Manchas”.

Em minha conclusão, apresento minhas considerações finais acerca de todo meu aprendizado durante a produção deste trabalho.

2. MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

2.1 O início

Desde criança sempre gostei de desenhar, pintar e minha matéria preferida foi Educação Artística. Na escola, pela facilidade de desenhar, destacava-me entre os amigos. Fazia muitas releituras de reproduções, como cópias de obras de pintores consagrados e a trabalhos de decoração de datas festivas, com o tempo fui descobrindo que a arte significava muito mais em um mundo de descobertas e ampliação da minha sensibilidade.

Meu primeiro contato com a criação em arte foi através de meu pai. Minha infância e adolescência foi marcada pelo desenho e pelos trabalhos escolares. Com uma personalidade mais reservada isso com o tempo foi me trazendo mais paciência e gosto pela área do desenho.

O desenho sempre esteve presente na minha vida. Sempre fui estimulado a desenhar. Meu pai facilitava meu contato com materiais, livros, papéis me incentivando a rabiscar e a colorir. Nada com o intuito profissional, mais por hobby, entretanto minha paixão, aos poucos, foi ganhando força e eu passei a dar mais importância naquilo que me dava satisfação pessoal e que sabia fazer bem.

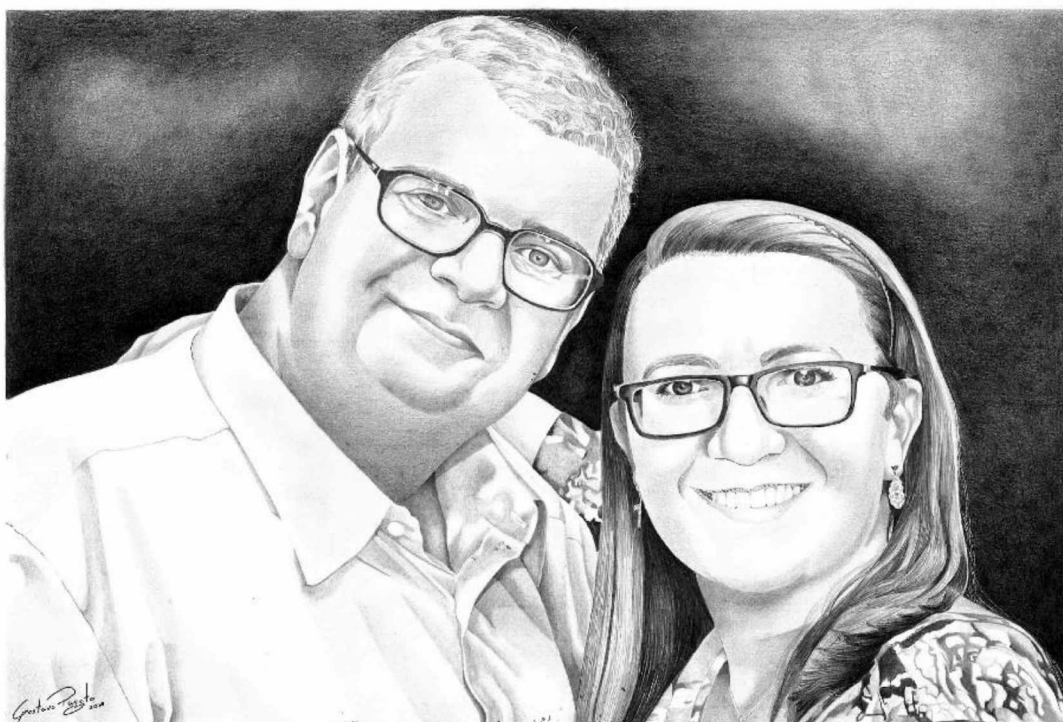
2.2 O desenho como atividade de trabalho

Em 2008, minha trajetória ganhou mais força ao ingressar em uma escola de Arte. Isso aconteceu graças à procura do meu pai por um curso particular de desenho que pudesse ajudar-me a aprimorar as técnicas e aprofundar-me mais nessa atividade artística que mais gostava de realizar. Sob a orientação do artista plástico Luiz César Raniero Spini, no seu ateliê chamado “Oficina de Artes em Uberlândia”. Lá, fui aprendendo os fundamentos técnicos de desenho, desde luz e sombra a perspectiva. Aprendi sobre diferentes maneiras de representação de uma imagem, assim como os diversos tipos de materiais e suas aplicações. Graças a esse contato aprofundado, pude começar a trabalhar, de uma forma profissional, os meus desenhos, conseguindo realizar meus primeiros trabalhos sobre encomendas de retrato a grafite.

Em meu trabalho pessoal com retratos, focava sempre a escolha de fotografias de pessoas familiares, amigos ou de ícones famosos. Eu adorava representar pessoas que tinham uma importância emocional para mim. Já nas encomendas que recebia sempre houve uma procura maior do público pela realização de retratos de casal, seja de namorados, seja de

casados, que me procuravam para que o desenho registrasse o laço afetivo que ambos sentiam, através de um presente de celebração. Esses trabalhos de encomenda foram feitos no formato A3 ou A4 e a técnica era focada no grafite sobre o papel Canson de 240 gramas.

Figura 1 - A obra: Ivanize e Inaldo, 2016



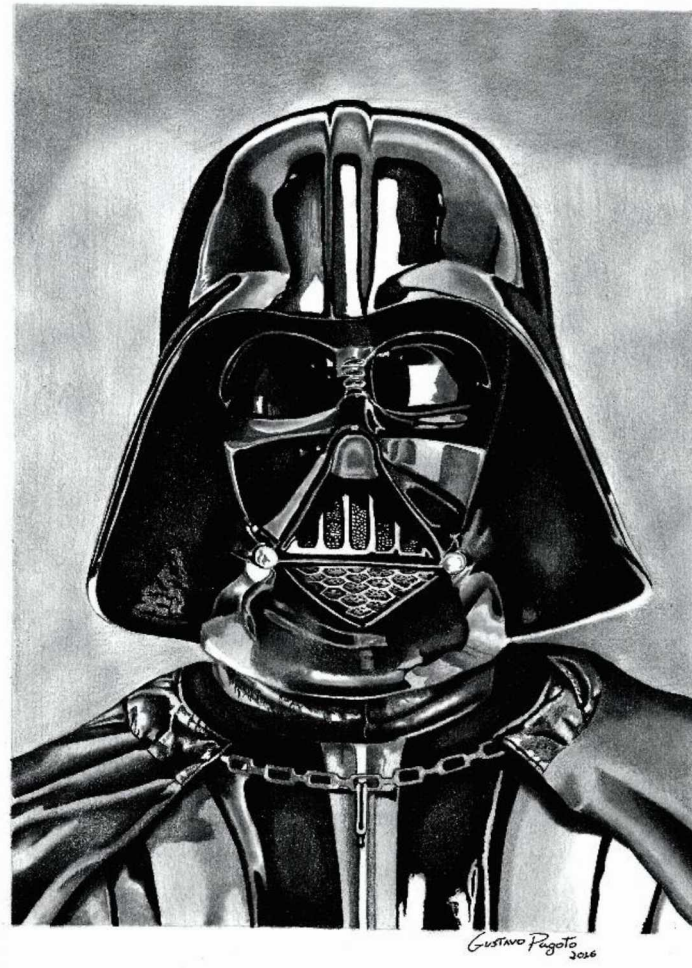
Fonte 1 - Arquivo pessoal do autor

Sempre me regozijava, ou melhor, sempre me regozijo, ao ver os clientes satisfeitos com a eternização de uma fotografia em um desenho. Muitas vezes, eles comentam que era preciso ter dom para desenhar. Via, nesse comentário, uma forma de dizerem que meu trabalho, que levava cerca de 8 horas ou mais, era único e especial. A realização desses trabalhos foi feita com materiais simples como lápis *Faber Castell* e papel *Canson* sulfite layout sob uma técnica de camadas sobre tons do mais claro ao escuro no final sendo envernizado para proteger o desenho contra a sujeira e o contato direto com a gordura da mão.

Entre 2009 e os dias atuais, meu portfólio foi transformando-se para gostos mais voltados à representação de personagens fictícios do cinema ou de seriado da Mídia. A partir de um filme, que me despertava a afeição por determinados personagens, tais como Flash,

Batman ou Darth Vader, eu me propunha a reproduzi-los sem um intuito de comercializar, mas por uma satisfação pessoal.

Figura 2 - A obra: Darth Vader, 2016



Fonte 2- Arquivo pessoal do autor

Nesse processo minha busca era pela captura dos detalhes da imagem, transformando-a na mais “realista” possível, com o objetivo de alcançar resultados melhores que o da fotografia.

2.3 O trabalho como professor de desenho

Com a determinação e dedicação à área, fui convidado, em 2009, a iniciar um estágio no Ateliê. Nessa fase da minha vida, tive contato não só com meu primeiro emprego, mas também aprendi a desenvolver a capacidade de ensinar. Um contato não só com a prática, mas

também com o ensino repassando a outras pessoas diversas técnicas, seja de desenho, seja da pintura. Enfrentando dificuldades com a minha personalidade mais reservada fui aprendendo a interagir com os alunos e, assim, o contato direto e constante ensinaram-me a desenvolver minha comunicação interpessoal trabalhando meu comportamento já descobrindo formas de estabelecer diálogo e de lidar com as pessoas. No curso, a metodologia fazia-se individualmente em uma turma de 10 alunos, no máximo, tendo-a a cada um percurso diferente podendo alguns querendo trabalhar com pintura e outros com desenho. O rápido raciocínio e atenção exigiam-me tratar cada um como um ser individual e não por turma fazendo com que o iniciante não ficasse deslocado em relação ao mais avançado. Isso me levou a concluir que a discussão de que “para desenhar precisa ter dom!” não estava correto. Na minha opinião cada pessoa pode estabelecer consigo a capacidade de aprender, cada um tem um raciocínio espacial diferente podendo ter mais rapidez ou lentidão no processo.

Ocorriam situações de senhoras querendo pintar flores ou paisagens de revistas de banca de jornal e de pessoas, que já desenhavam, querendo evoluir. Meu mestre Luiz César, formado no curso de Artes Plásticas da UFU em 1994, apresentava uma personalidade forte enfrentando inúmeros casos iguais de pessoas procurando o curso por descanso terapêutico, fato que lhe incomodava, pois achava que desmerecia sua metodologia, na qual sempre defendia que cópia não era arte. O curso de desenho explorava todas as áreas com enfoque maior na ilustração, no realismo ou nas habilidades específicas, testes exigidos pelas faculdades dos cursos de Arquitetura, Design e Artes na UFU. A procura fazia-se mais pela obrigação de aprender a desenhar para ingressar na faculdade o que acompanha o perfil de grande parte dos alunos da escola. Em meus sete anos lecionando tive a oportunidade de trabalhar com diferentes personalidades e idades: crianças entre 6 a 10 anos, adolescentes e idosos. Alguns podendo ser hiperativos ou passivos, o que levava a situações desafiadoras, em que era necessário criar estratégias diferentes de ensino para cada aula, conforme o perfil do aluno. O que me motivava a gostar mais de continuar a dar aula era o fato de que quanto mais ensinava mais aprendia. Ao desenhar para o aluno, seja fazendo um cubo ou uma esfera eu mesmo me ensinava a observar e a praticar, fator importantíssimo na área de trabalho pessoal em que eu desenvolvia o “retrato a grafite”. A metodologia de desenho e pintura na escola era tecnicista, partindo de conceito básico ao mais avançado. Trabalhando um conteúdo por vez, o curso era individualizado, tendo, no mesmo horário, alunos em etapas diferentes. Ao fazer o desenho de observação de um objeto posto na mesa, eu desenhava para repassar o processo do desenho, para que fosse capaz de entender e executar conforme a técnica, assim, oferecendo uma possibilidade de estilo, mas dentro do caminho pessoal de cada um.

Com essa oportunidade, minha trajetória nas artes intensificou-se e levou-me a querer ingressar no curso superior. Optei pelo Curso de Artes Visuais devido ao meu interesse pela área de conhecimento e também pela vasta gama de expressões artísticas que ali eram lecionados.

2.4. No curso de Artes Visuais da UFU

Fui aprovado no vestibular para fazer o curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia em 2010. O contato ali foi diferente: pude perceber que a Arte vai além das práticas de técnicas, ampliando, minha maneira de ver e pensar, refletindo sobre Arte e seus conceitos, desde a área do ensino até as diversas modalidades de expressão visual e suas técnicas, teorias e metodologias possíveis.

O trabalho no ateliê seguia juntamente com aprendizado na faculdade, o que ajudou a aumentar minha didática nos cursos que ministrava, além de enriquecer minha formação em História da Arte e nas poéticas visuais que desenvolvia.

No primeiro semestre, matérias como “Fundamentos do Desenho e Expressão Tridimensional” me encaminharam a conceitos voltadas para a representação e criação. Já nas disciplinas “Psicologia da Arte” e “Estética”, pude aproximar-me de estudos e conceitos diferentes sobre a arte que levavam a discussões sobre o significado do “Belo” ou a outras questões que poderiam, por exemplo, envolver a diferenciação sobre o que é Arte e o que é artesanato? Mas sempre me interessava mais pelas disciplinas ligadas aos processos de criação e aos caminhos que ofereciam o desenvolvimento de uma poética visual. Assim, outras matérias como Cerâmica, Escultura, Xilogravura, Gravura em Metal entre outras, transmitiram-me práticas em assuntos que eu não dominava, mas que traziam elementos novos ao desenho, pois estas áreas diversas me permitiam novas pesquisas sejam usando suportes ou materiais diferentes.

As disciplinas “Modelo Vivo” e “Ateliê de Desenho” permitiram-me trabalhar com o que mais gostava “a representação humana”, seja o corpo como um todo seja o retrato. O que me instigava era a beleza oculta que era possível criar sobre o papel usando as técnicas monocromáticas do grafite.

No “Ateliê de Desenho”, com a Professora Cláudia França, pude explorar esse campo, acostumado a desenhar a partir das representações fotográficas entre modelos de revistas de beleza ou encomendas de clientes, percebi a minha carência de autonomia na criação de um

trabalho. No Ateliê, a nova proposta era ir além disso, explorando meios de representação diferentes da fotografia, como a observação direta de modelo ou em frente a um espelho, propondo meios que a fotografia não concedia a autonomia e a percepção da escolha da imagem a ser retratada.

No “Ateliê de Desenho” começamos o trabalho a partir do modelo vivo. Cada aluno deveria escolher um colega para fazer um desenho. Analisando o ângulo de pose e expressão provocada pela luz ambiente, escolhi a colega Sônia Debla como modelo (figura 3). Durante o tempo da aula de 3 horas, a produção aconteceu sem que eu interferisse no trabalho de desenho que ela executava. Sobre o papel Canson, formato A3, fiz o desenho, com grafite, lápis contê preto, estudando as sombras e degrados. Agindo livremente, procurei captar traços básicos do corpo, preocupando-me mais com a expressão do rosto em seus detalhes faciais, que eram registrados com manchas, criando, assim, suas formas sem preocupar com detalhamento, canalizando toda força de expressão do momento/tempo no desenho.

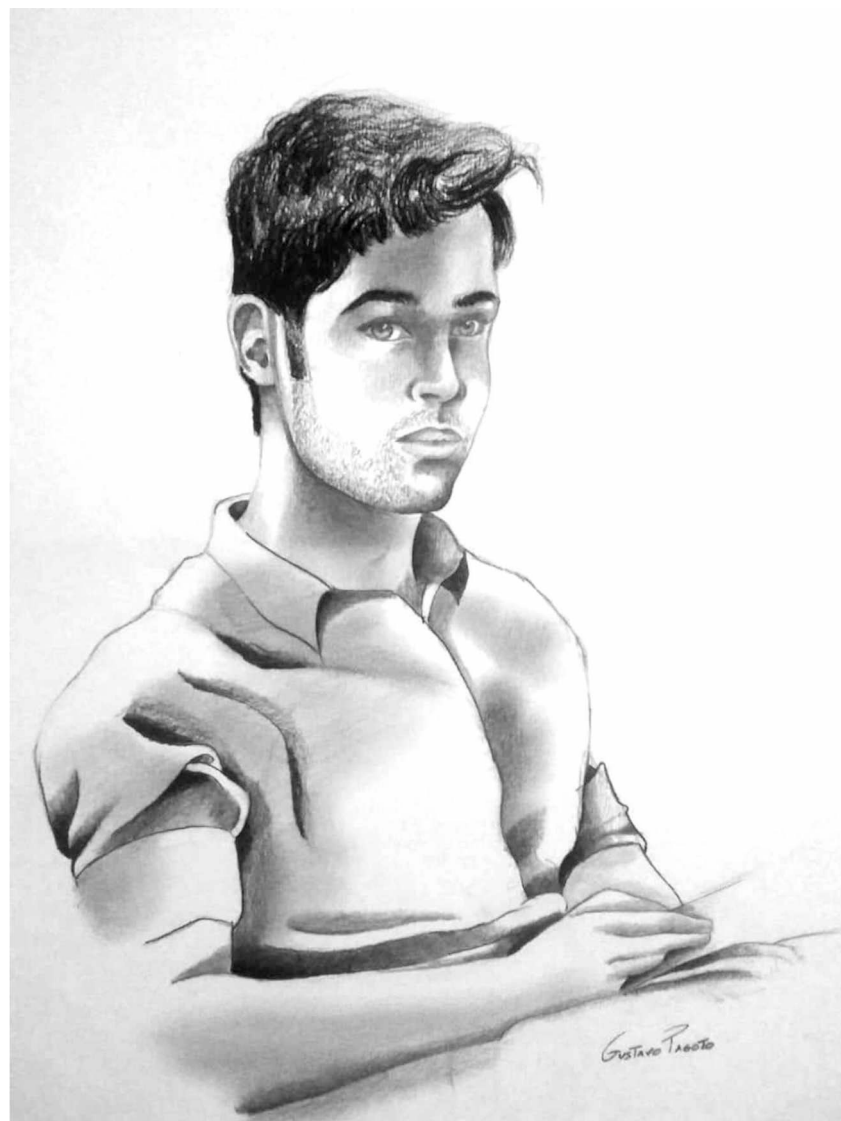
Figura 3- A obra Sônia Debla, 2015



Fonte 3 - Arquivo pessoal do autor

O próximo estudo no “Ateliê de Desenho” deu-se em frente ao espelho, para criar o meu autorretrato. De início, tive um grande estranhamento pois era um método novo para mim e devia trabalhar nele dentro do tempo limitado da aula. A inquietação de fazer o meu próprio rosto, algo que não me sentia à vontade foi um grande desafio. Vivi, inicialmente, a angústia de buscar por um ângulo para uma pose que fosse a melhor a se explorar durante o tempo de aula. O resultado pode ser visto na figura 4.

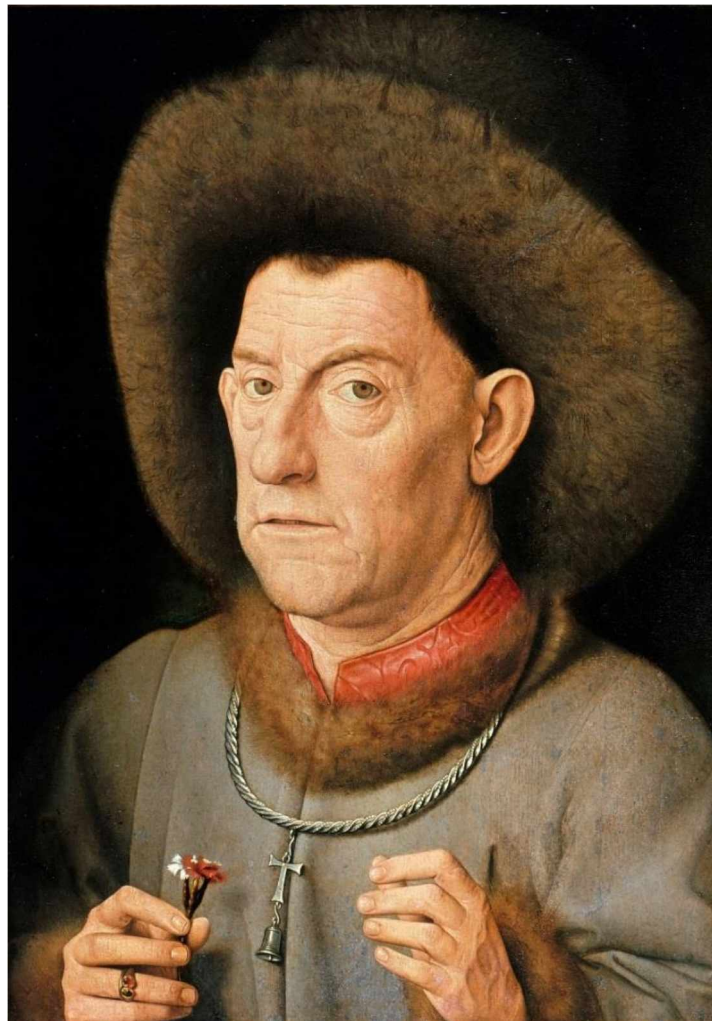
Figura 4 – Autorretrato perfil, 2015



Fonte 4 - Arquivo pessoal do autor

No primeiro desenho de Autorretrato (figura 4), a pose escolhida de meio perfil possui uma referência às pinturas de retrato do artista Jan van Eyck (1390 – 1441) em que a principal característica da pose dos modelos era o olhar para o espectador, tendo as mãos, muitas vezes, visíveis, apresentando perspectiva e volume realista com um minucioso tratamento da pele e das suas irregularidades, como mostra a figura 5.

Figura 5 - Homem com Rosa – Jan van Eyck, 1510

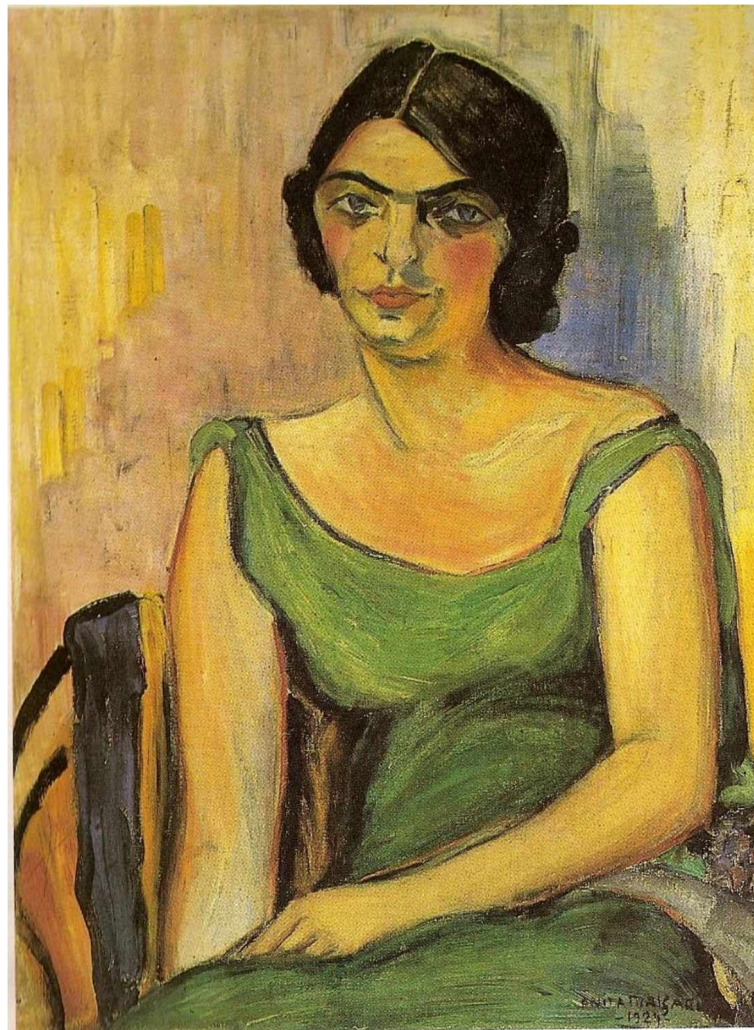


Fonte 5 - http://warburg.chaa-unicamp.com.br/img/obras/mini/jan_van_eyck_%28successors%29_-_man_with_pinks_-_google_art_project.jpg

Partindo desta linha de pensamento, fui pesquisar outros artistas nos quais pudesse me basear dentro de meu processo de pesquisa e me inspirassem a conseguir estabelecer um caminho próprio para a minha produção.

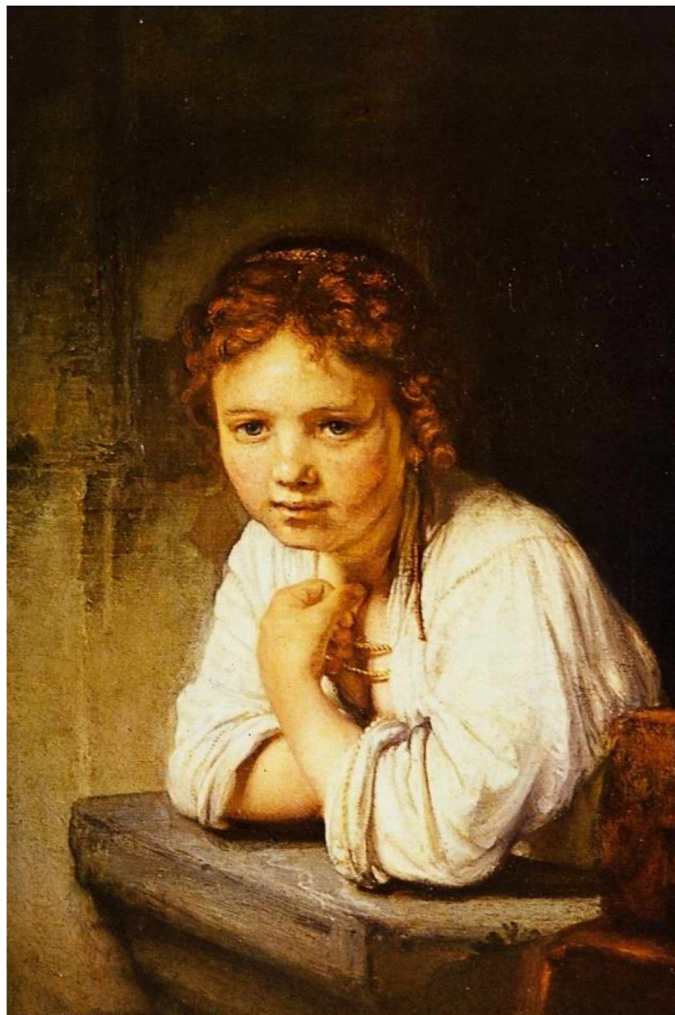
Durante a graduação, tive acesso a alguns artistas por meio de aulas expositivas, exposições coletivas e individuais, palestras e com os próprios professores e acadêmicos a partir de seus processos de produção. Retratos feitos em diferentes períodos da história permitiram-me ver uma rica abrangência desse tema. A construção de um retrato não se foca somente no delineamento dos traços de um rosto, há questões que envolvem a postura do corpo na construção de uma pose. A colocação da luz e da sombra que permite a criação de diversas atmosferas que envolveram o modelo que se procura a retratar. Observando representações impressionistas ou expressionistas, concluí que não precisava buscar uma imagem perfeita da pessoa retratada. A pintura de Fernanda de Castro feita pela artista Anita Malfatti é um exemplo de uma imagem que tem uma forte presença de cor e traços reduzidos, mas que guardam elementos essenciais da modelo.

Figura 6 - Fernanda de castro – Anita Malfatti, 1922



Os retratos feitos pelo o artista holandês Rembrandt me impressiona, pois tinha muito interesse pela forma como ele explorou a representação da luminosidade nas suas pinturas. Destaco, como exemplo, *A menina na janela* (figura 7) onde a maneira como a luz se apresenta da esquerda para a direita, cria uma atmosfera aconchegante sobre a modelo, que me inspirava a pensar na importância da luminosidade dentro de uma obra. Nesse trabalho, a luz produz sobre a personagem uma ênfase que é destacada pela grande área negra, estabelecendo contraste entre o primeiro plano (personagem) e o fundo. A profundidade oferecida pelas sombras ressalta o corpo em primeiro plano; e a luz do branco da roupa parece vibrar e há um contraste mais delicado com a pele parda. Na sua pose sutil apoiada a uma bancada, a imagem oferece uma sensação de tranquilidade, reforçando a pureza da idade, compondo o retrato da personalidade de uma jovem contida e simples.

Figura 7 - Menina na janela – Rembrandt, 1645



O artista Dirk Dzimirsky, com seu estilo realista, usa o grafite como técnica para a criação de seus retratos. Seus trabalhos destacam-se pela eficiência na captação de todos detalhes, que, a olho nu, são quase imperceptíveis, mesmo já fazendo uso da fotografia como referência, mas mantem a ideia da autonomia de suas imagens escolhendo a melhor pose e luz sobre o modelo para seus desenhos. Dzimirsky, normalmente trabalha o retrato (figura 8) apresentando a cabeça ou figuras de nu da cintura para cima, em que o retratado apresenta-se com uma expressão tranquila.

Figura 8 - Season Change - Dirk Dzimirsky, 2011



Entre os diversos movimentos artísticos, a produção de retratos é encontrada e pode ser pesquisada a partir de várias técnicas e estilos. Há que destacar que por maiores que sejam as diferenças no processo de criação de um retrato, sempre há a autonomia e busca do artista pela escolha da pose e da expressão que irá construir com o modelo.

A partir da pesquisa desses artistas, fiz a produção do meu último desenho no Ateliê de Desenho explorando outros elementos não trabalhados nos meus desenhos anteriores.

Figura 9 – Autorretrato frontal, 2015



A proposta buscou a criação de uma ideia diferente de algo que já estava acostumado a fazer. Saindo de um padrão estabelecido clássico, realizei uma pose mais expressiva e frontal ao espelho abaixando a cabeça em uma ação mais direta do olhar. Pode se observar a inclusão do espaço e tem-se um sombreamento mais refinado na roupa do retratado.

Sobre o conceito dessas produções, o que me chamou a atenção é que se tratavam de produções com focos diferentes, mas que abordavam um assunto semelhante como a representação da identidade de uma pessoa e a sua técnica de produção. O resultado foi muito satisfatório e pude sentir que ali habitava um pouco da minha linha de pesquisa que seria o ponto de partida para o TCC.

3. PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Neste capítulo, irei abordar o meu processo de produção artística referente ao projeto final de conclusão de curso. De acordo com os estudos que resultaram nesta pesquisa, a minha produção era uma incógnita. Quando eu decidi que gostaria de trabalhar com retrato eu não sabia qual seria o resultado, fiquei dividido entre o retrato sobre um modelo ou o autorretrato. O professor Ronaldo Macedo sugeriu que, a partir dos desenhos que havia feito no “Ateliê de Desenho”, levasse a uma pesquisa autônoma assim como sua permanência como um importante auxiliar para outras linguagens.

Ao rever os trabalhos, pode se concluir que existia uma autonomia a ser ricamente explorada no autorretrato, o controle da pose, luz e técnica ajudaram muito a decidir o meu caminho enquanto pesquisador, centralizando e determinando qual o rumo da produção a partir do que eu já tinha como referência de pesquisa.

3.1. A ideia da produção

Em conversas com meu orientador, discutimos diversas opções possíveis que eu poderia seguir para a criação de um trabalho. No primeiro momento, mantive-me focado em fazer os desenhos em folha sulfite, mas isso tornou-se inviável para ser exposto direto sobre uma parede. Sendo assim, comecei a descobrir que poderia usar outros tipos de suportes para desenhar, que fossem mais resistentes. Desta forma, com as primeiras pesquisas percebi que estava diante de um número ilimitado de suportes, diferentes possibilidades que propostas mais abertas e

experimentais, de um modo geral, podem oferecer. Optei por utilizar o papel paraná 500 gramas n só pela facilidade de aceita do lápis grafite no sombreamento, mas também pela resistência do material.

3.2. Meu processo artístico no desenho

Com o suporte e a técnica escolhida, começamos a pensar e discutir a criação de uma proposta menos formal de construção de um retrato.

Desde então realizei, pesquisas sobre artistas contemporâneos que trabalhavam com o tema retrato, mas com intenção esttica própria fugindo do clássico e tradicional.

Uma referência de produção que utilizei para meu trabalho se deu a partir do artista Brno Del Zol, em sua série “foto escultura”. Ele utiliza a fragmentação do rosto a fim de melhor compreendê-lo, criando múltiplas escalas, destacando seus volumes, sugerindo uma clara preferência de criação que não esconde o lado caótico de nossas mentes.

Figura 10 - Malaclypstique (Ancenis 44), 2016



Fonte 10 - <http://brnodelzou.ouvaton.org/v2/actualites/les-expositionsinstallations/>

Além do próprio corpo e sua beleza. fragmentar o corpo, nesse caso, não significa cortá-la, a fim de dissolvê-lo, significa tentar agrupar, recompor, na esperança de alcançar uma unidade, uma identidade. (Brno Del Zol, 2016)

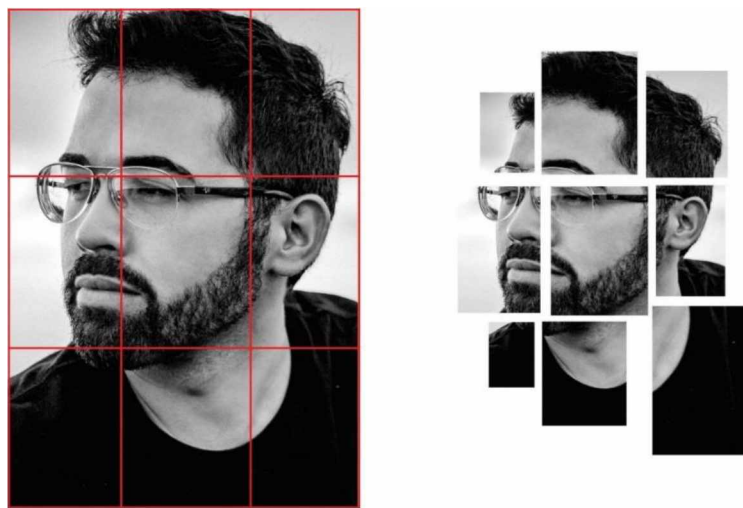
Utilizando fotografia em preto e branco, as imagens são tomadas em ângulos diferentes, mesclando com partes pequenas e outras grandes, permitindo prender a atenção do espectador ao ver os detalhes do traço e o contraste do claro e escuro do rosto.

A partir da produção desse artista, comecei meu processo criativo com a ajuda do fotógrafo Kellyson Alves, decidindo, a partir de diversos estudos fotográficos, pela procura do melhor ângulo e expressão do meu rosto. A escolha de criar a partir da fotografia e não do espelho se deu pelas características que envia a proposta, onde a fotografia seria um instrumento de apoio importante pois os desenhos seriam feitos em várias escalas, formando uma imagem só do autorretrato e assim se utilizaria a técnica de estabelecer grades (*grids*) sobre a fotografia de referência.

O processo criativo é palco de uma relação densa entre o artista e os meios por ele selecionados, que envolve resistência, flexibilidade e domínio. Isso significa uma troca recíproca de influências. Este diálogo entre artista e a matéria-prima exige uma negociação que assume a forma de “obediência criadora”. (PAREYSON, 1989 apud SALLES, 2014, p. 77)

A partir disso, o processo para elaborar as fragmentações na fotografia, foi preciso fazer esquemas usando o programa de computador *Corel Draw*, ferramenta que possibilitou o uso de recorte na imagem e montagem planejando espaços e proporções do retrato.

Figura 11 - Projeto de fragmentação do autorretrato, 2018



Tendo em vista o material a ser trabalhado e o processo escolhido, optei pela pose de uma fotografia de semiperfil, por considerar o melhor ângulo pessoal e também por compor uma imagem mais próxima de minha identidade. Em escalas diferentes sobre o papel paraná, usando somente o lápis grafite HB, 3B e 6B, pude trabalhar as manchas, dando a alusão do contraste do preto e o pardo. (Figura 12).

Figura 12 - Autorretrato 1, 2018, dimensões aproximadas 104 x 76 cm.



Fonte 12 - Arquivo pessoal do autor

A mancha é a o elemento importante no meu projeto final. É ela que comunica minha intenção como artista. Nessa proposta, buscou se um desenho como uma identidade contemporânea, com um suporte não convencional, deixando as manchas falarem por si.

Essa produção foi o ponto de partida para o que seriam os outros trabalhos nessa pesquisa. Comecei a pensar como eu poderia explorar mais os fragmentos abstraindo a imagem, mas não fugindo do objetivo da representação do retrato.

3.3 Apresentação da Produção Artística

A exposição Linhas e Manchas foi concebida a partir desse percurso, destacando as manchas e a fragmentação como as principais características dessa produção e as linhas no trabalho da Vanessa de Oliveira Batista.

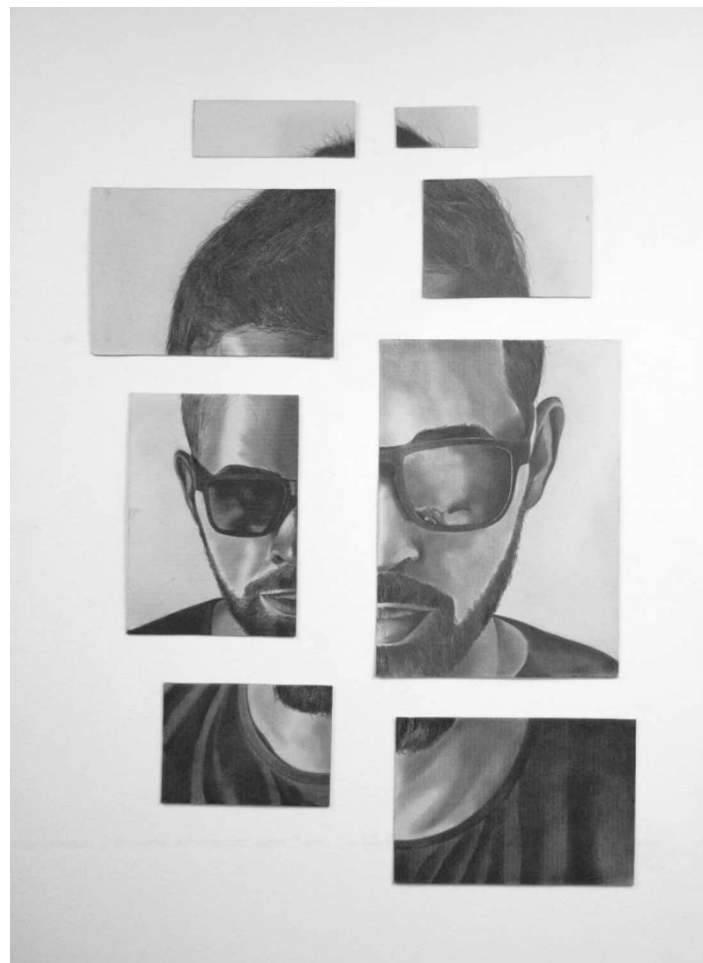
Figura 13 - Convite da Exposição, 2018



A minha produção artística é centrada em destacar o contraste, usando as manchas como protagonista. A montagem na galeria foi elaborada tendo quatro projetos no total. Dentro dessas produções, a disposição fez-se entre duas paredes, três desenhos, colocando cada um de forma independente, mas também podendo ser um trabalho integrado. O último foi construído com padrão diferente, mas que dialoga com os demais. Nesse processo não me limitei em estabelecer formas pré-determinada dos tamanhos e as distâncias em que ficaria os desenhos, foi se estabelecendo de modo descompromissado e natural, pensando em produzir sem padrão de escala e recorte.

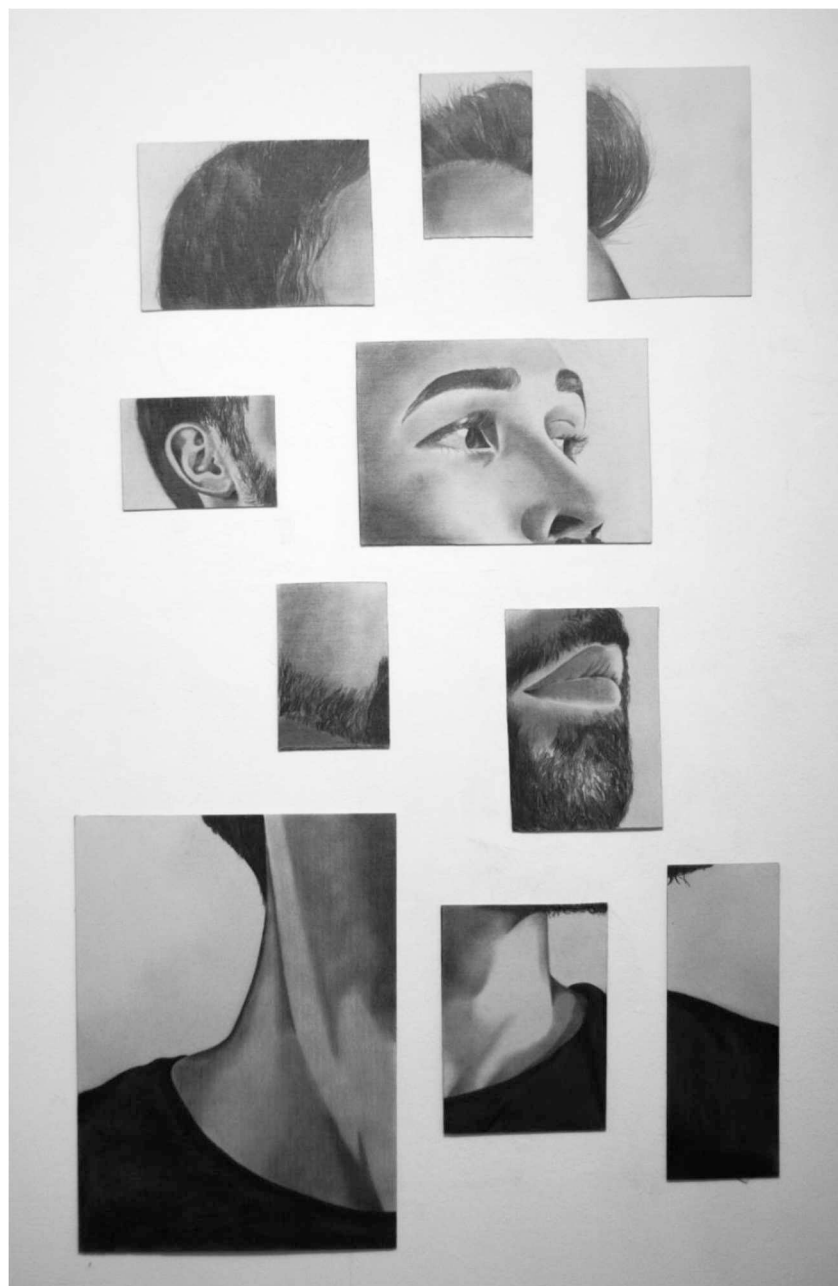
Os desenhos foram fixados sob a superfície sem serem emoldurados. Para que fosse possível o trabalho permanecer sobre a parede durante toda exposição, optamos por usar a fita dupla face extraforte. Para que este material não danificasse as peças da exposição colocamos pedaços de esparadrapo sobre a superfície posterior do papel exatamente onde havíamos pensado em colocar a dupla face.

Figura 14 - Autorretrato 2, 2018, dimensões aproximadas 106 x 65 cm.



O Autorretrato 2 (Figura 14) foi feito a partir da escolha de uma fotografia de pose frontal diferenciando-se das demais. Optou-se por essa posição para explorar um ângulo que mostrasse minha identidade na sua total representação. Durante o processo de criação, não me limitei a escala padrão de papel, agindo de forma descompromissada, de maneira que o desenho fosse surgindo, e quando fosse colocado na parede, mostrasse independente, e ao mesmo tempo, parte de um todo.

Figura 15 - Autorretrato 3, 2018, dimensões aproximadas 106 x 67 cm



O Autorretrato 3 (Figura 15) mantém o mesmo conceito da anterior, em que as manchas como em cada parte individualmente podem ser vistas como composições abstratas, mas, em conjunto, como todo, deslocaria o olhar para figurativo. Nota-se que a proporção foi tomada por formas mais retangulares, entre variações de tamanho, desprendendo da intenção de proporção figurativa exata do retrato, mas que, ao todo se completa, ao olhar, do observador, a representação do mesmo.

A forma como as três produções artísticas iriam a serem dispostas no ambiente sofreu mudanças no momento da sua montagem na galeria.

O processo de criação é o lento clarear da tendência que, por sua vagueza, está aberta a alterações. O final pode ser que nada tenha a ver com a “maquete inicial”, pois o plano não tem nada da experiência que se adquiri na medida em que vai se escrevendo a história. (CASARES 1988 apud SALLES, 2014, p. 39).

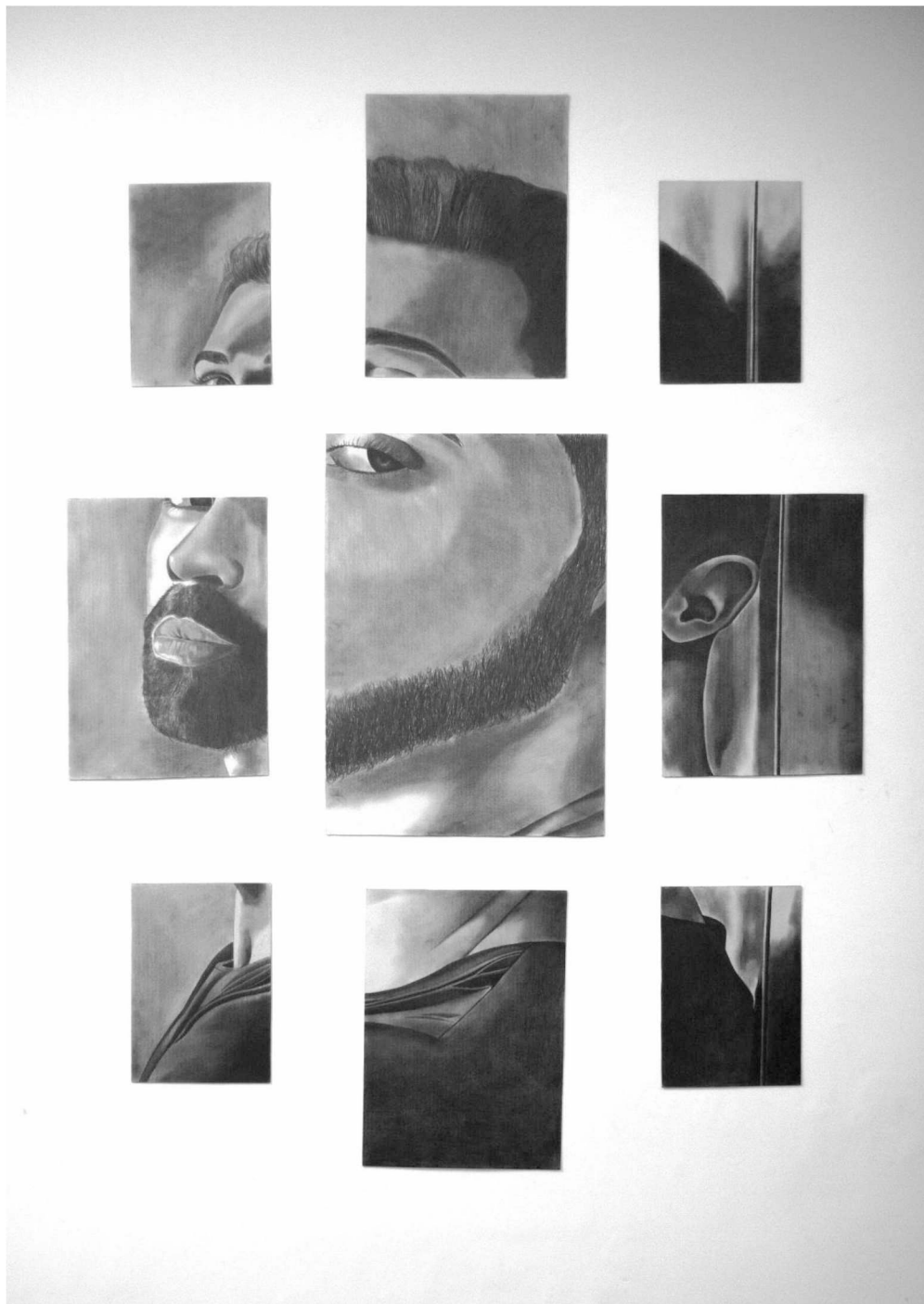
Figura 16 - Linhas e Manchas, Laboratório Galeria. Gustavo Pagoto



Fonte 16 - Arquivo pessoal do autor

A produção do Autorretrato 4 (Figura 17) já trabalha com um planejamento de montagem diferente dos anteriores. Nesse trabalho, optei por usar tamanhos padrões em escala A4, A3 e A2, rompendo com uma proposta de *grid* bem definida. Diferente dos resultados de produção dos retratos anteriores, aqui, realizei sombreamento de fundo do modelo, acrescentando profundidade e destacando a luz da cor branca do tom natural do papel, propondo que a mancha se destacasse pelo uso do grafite, tornando-se mais vivo e contrastante, trazendo mais expressividade ao trabalho.

Figura 17 - Autorretrato 4, 2018, dimensões aproximadas 156 x 116 cm.



Fonte 17- Arquivo pessoal do autor

4. CONCLUSÃO

Quando olho para toda a minha pesquisa, pergunto-me o porquê dela. Claro, ela foi necessária para a minha formação, mas como consegui trilhar esse caminho até aqui? Desde o primeiro contato com a Arte, o que me influenciou na infância e na fase jovem da vida, apoiando meu rumo e formação acadêmica para me tornar o artista que sou hoje.

A escolha da linha de pesquisa do tema autorretrato impôs desafios técnicos e psicológicos diferentes dos quais eu estava acostumado a produzir. Para mim, o retrato era a ideia de representação de algo registrado na fotografia.

A partir desse trabalho, pude expandir meus conceitos de como o desenho do retrato poderia apresentar-se e com ele pode dialogar com as poéticas e propostas além do que a fotografia oferecia. Eu precisava ir além.

Nesta pesquisa, a escolha da temática fez-se árdua. Elaborar um desenho com uma poética própria, usando referências clássicas, levou-me, pelo pouco tempo de elaboração da pesquisa, a escolha do tema autorretrato, sendo este tema o mais adequado para realiza meu pensamento poético.

A arte contemporânea inspirou-me uma liberdade de ação e de assimilação de conhecimento, por onde eu acabei tendo contato com uma forma de pensar o desenho que eu ainda não conhecia. Essa liberdade fez com que a proposta de trabalhar com o tema autorretrato se tornasse um conjunto de escolhas e possibilidades poéticas desde o suporte à montagem para a exposição dos desenhos.

Minha produção e pesquisa estiveram presente na exposição “Linhas e Manchas”. Consegui imprimir na exposição a ideia da espontaneidade na produção e na escolha dos materiais que dialogaram entre si, criando um ar de contemporaneidade. Todo esse trabalho possibilitou uma satisfação enorme, tanto na pesquisa quanto para o desenhista que me tornei.

Esta pesquisa foi de grande ajuda para mim que desejo caminhar no mundo da Arte, principalmente no desenho, Além de ter contribuído para pensar meu trabalho como professor de desenho, pois ampliou a minha percepção sobre a construção de novas poéticas visuais dentro da Arte Contemporânea.

5. BIBLIOGRAFIA

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DZIMIRSKY, Dirk. Disponível em: < <http://www.dzimirsky.com/studio/info.html/>>. Acesso em 4 de abril 2018.

EQUIPEARTESEMFRONTEIRAS. **Foto escultura Do Artista Brno Del Zol**. 2016.

Disponível em: <<http://arteseemfronteiras.com/fotoescultura-de-brno-del-zou/>>. Acesso em 10 de abril 2018.

JOYDEPAULA. **Top 10 mestres do autorretrato para você conhecer!** 2016. Disponível em:<<http://arteref.com/arte/top-10-mestres-do-autorretrato-para-voce-conhecer/>>. Acesso em 4 de abril 2018.

LUDIASBH. **Mestres da pintura - Jan Van Eyck**. 2013. Disponível em: <<http://virusdaarte.net/mestres-da-pintura-jan-van-eyck/>>. Acesso em: 2 de junho 2018.

MELO, Maria Alice Portela de. **Entre linhas e manchas: o desenho como exercício do desejo**. 2010. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NABAIS, João-maria. **Rembrandt - o quadro: A Lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo autoconhecimento**. Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio, Porto, v. 7-8, n. 1, p.279-296, jan. 2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9417.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Intermeio, 2013. 185 p.